



Os espaços são como folhas em branco. Pedem para ser desenhados, inscrevendo neles a nossa visão, a nossa percepção do lugar. A percepção, é sabido, decorre da relação, é filha do tempo. Como nos relacionamos com o mundo — seja o mundo (ou o seu fragmento que, num dado tempo, abordamos) uma floresta, uma casa ou outro ser — eis o que está no centro do Desenho. Permitam-me que adense o labirinto: o que se encontra no centro do Desenho é, portanto, a nossa identidade em construção, o lugar central de cada um de nós no mundo, aí incluídos pensamento e corpo, já que é do corpo que, através dos sentidos, nos chega a informação para nutrir o pensamento (ou a razão, como bem sabia Kant), para percebermos onde estamos, quem somos e quais os limites entre o eu e o outro.

Os templos sempre foram centros, lugares de observação, espaços relacionais, convites à perenidade. Aí ecoam as tessituras pessoais com as da alteridade, seja esta divina ou profana. Aí nos permitimos parar. Aí nos medimos connosco, com o divino, com os demais semelhantes a nós, distintos de nós no que à ficção (ou à criação individual) se refere. O centro é um lugar de ligação, um eixo de reflexão. A relação que estabelecemos com cada centro em particular parte à deriva de uma busca pessoal, de um itinerário interior de significados, de um modo individual de chegar a nós e, decorrentemente, ao outro, num tempo gerido com parcimónia e cuidado. Com a reivindicação do silêncio.

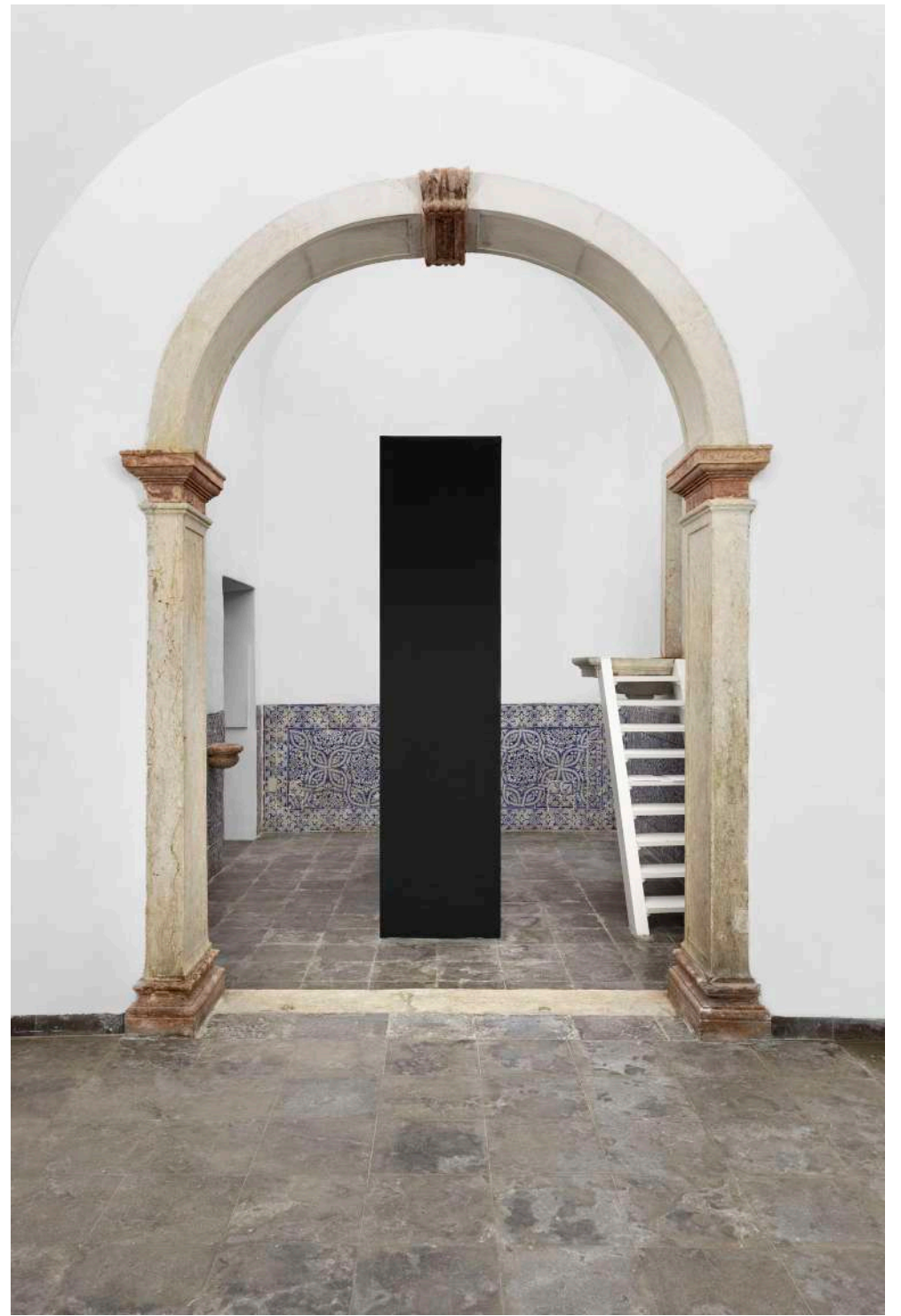
Creio ser exactamente isso que Sandra Baía se propôs fazer na sua instalação na Ermida. Outrora espaço sagrado, devotado ao centramento, convidando ao ensimesmamento e à paragem, à reflexão, o lugar é hoje habitado por desafios diversos; ainda assim, pela própria natureza da Arte, estes continuam a ser reflexivos e pessoais e a buscar diálogos que nos exigem tempo. Uma outra forma de devoção. Espaço simbólico e apetecível para o Desenho, dentro da pele da Ermida (o seu limite interior e exterior), Sandra Baía criou novas formas de abordar os muros e de assim configurar a sua narrativa de apropriação — ou de relação. Pensado ainda em 2019, quando da globalização víamos sobretudo o rosto mais voraz da velocidade e da exigência de omnipresença, e concretizado já num 2020 tornado essencialmente distópico pela pandemia, a instalação intitulada 19\_20 faz-nos pensar na exigência da demora.

1.  
Tomo o conceito de empréstimo de uma obra do neurocientista italiano Lamberto Maffei, *O Elogio da Rebeldia*, publicada em 2016, e disponível em português, pelas Edições 70, desde Abril de 2020.

É, pelo menos, dessa maneira que leio essa porta estreita, essa espécie de umbral simbólico, cujas escadas inversas, que ao fundo se vislumbram, me fazem adentrar atmosferas de pesadelos e dificuldade. Serão elas para ser mesmo vistas por dentro, dando-nos essa dimensão de obstáculo, da necessidade de nos erguermos ao mais alto e íntimo de nós por acessos impossíveis, rumo à própria consciência? Serão elas a metáfora mais adequada da visão esforçada do mundo? Confesso que não perguntei tudo à artista. Há perguntas que não se fazem. Na relação com Deus, como com a Arte, cabe-nos alguma responsabilidade. Uma vontade de demora, de buscar no visível o nosso próprio sentido. Que nesse esforço quotidiano, que sempre nos exige perspectivas múltiplas, possamos também dedicar algum esforço e algum tempo a olhar para dentro de nós. Ou para dentro do percurso que uma artista nos traça, indicando-nos, ainda que parcialmente, o caminho. Será, certamente, o seu — a sua visão. Mas a tanto nos ensinam as estrelas, na matéria de que somos também feitos: este caminho é também o meu.

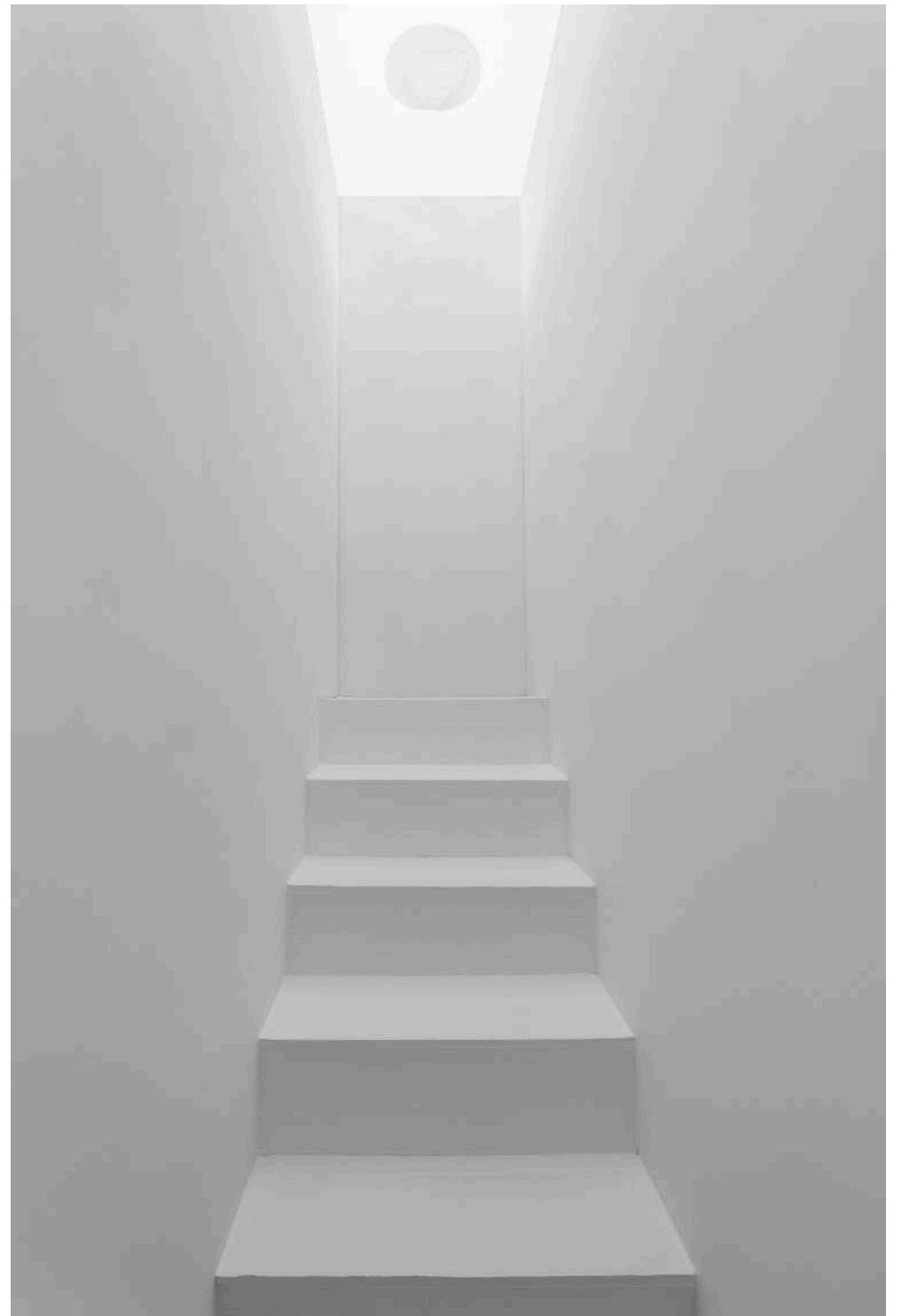
Agradeço a Sandra Baía o sentido da demora. O tempo é o nosso mais finito recurso. Que não nos esqueçamos disso. Neste tempo de voragem, em que finalmente fomos forçados a parar e a olhar para dentro, o silêncio que ela nos oferece é, ainda assim, um acto de rebeldia.

Parar não é tão fácil como parece. Demorar-se é renunciar à urgência, é resistir ao consumo, é agarrar-se ao presente, esticando-o. Demorar-se é procurar o verdadeiro sentido do tempo, uma cadência íntima e pessoal, um batimento cardíaco diverso. E parar é exactamente o que nos exige o centro. Ensimesmamento é o exercício do olhar interior. É o exercício da religação. Na Ermida, esta instalação pintada a negro mate torna cega a luz, erguendo-se como um obstáculo. Dando, porém, a volta a este aparente muro, a luz espreita do interior. Talvez por defeito de formação, sempre que a luz me orienta o olhar recordo-me de um texto medieval lido há várias décadas e no qual S. Boaventura analisava o *itinerário da mente para Deus*. Deus sempre foi, para mim, um conceito abrangente. Não o irei abordar aqui se não para dizer que me serve, de momento, como metáfora para um tempo mais lento e benigno, mais reflexivo e relacional, que parte de um encontro (um eco, ou um caminho) interior. E é nessa linha que proponho, na leitura desta maquete de Sandra Baía, alguma abordagem simbólica associada à cor. Para mim, do caos exterior, de uma realidade indiferenciada e que nos engole, surge o branco interior, sugerindo a luz da descoberta. Será essa uma proposta de caminho para um ressoar interno, pessoal e lento, mais reflexivo e verdadeiro?









Este livro foi publicado por ocasião da exposição «19\_20», de Sandra Baía, no Projecto Travessa da Ermida, patente de 19 de Julho a 22 Agosto 2020

**Edição**

Projecto Travessa da Ermida

**Texto**

Emília Ferreira

**Fotografia**

Bruno Lopes

**Design gráfico**

João M. Machado

**Produção Gráfica**

Gráfica Maiadouro, S.A.

**ISBN**

978-989-33-0811-0

**Depósito Legal**

XXXXXXXXXXXXX

**Tiragem**

200 exemplares